

Prefácio

Claudia Fonseca

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FONSECA, C. Prefácio. In: MEDAETS, C. *“Tu garante?”*: aprendizagem às margens do Tapajós [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, pp. 13-15. Entremeios series. ISBN: 978-65-5725-026-6. <https://doi.org/10.7476/9786557250402.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Num país com tamanha diversidade como o Brasil, não é incomum escutar relatos sobre o estranhamento mútuo no encontro entre professores e alunos. Quantos profissionais do ensino fundamental não ficam curiosos, senão perplexos, diante da realidade dos estudantes que povoam suas salas de aula! Quantos deles não teriam vontade de parar tudo, pesquisar essa realidade e conviver com os estudantes e suas famílias na esperança de encontrar algumas chaves de leitura que pudessem facilitar o diálogo. Pois é esse o sonho que Chantal Medaets, passando de coordenadora pedagógica a antropóloga aprendiz, conseguiu realizar entre as famílias descritas aqui, autoidentificadas como indígenas ou ribeirinhas do Baixo Tapajós.

O relato etnográfico da autora fala de um encontro que envolve um mundo muito mais amplo do que aquele das pequenas comunidades no interior paraense nas quais ela morou. Seus interlocutores, jovens e menos jovens, são solidamente enraizados no local, à beira do rio Tapajós, onde aprendem a ser competentes nos afazeres domésticos, a pescar, a apanhar açaí e a desenvolver a miríade de outras atividades fundamentais para viver bem ali. Contudo, eles também circulam entre famílias, comunidades, aldeias e estendem seu território até as capitais urbanas. Retratar os diferentes personagens em cores vivas que cativam o leitor, Medaets tece argumentos que descrevem didaticamente as principais teorias da aprendizagem (de Dewey e Bateson a Ingold), mas sempre indo além – contestando essas teorias e provocando reconfigurações originais, construídas a partir de sua observação. O resultado é uma antropologia da infância e da aprendizagem que dá conta não só do denso debate sobre o tema entre pesquisadores brasileiros, mas que traz discussões atuais de redes multidisciplinares de pesquisadores norte-americanos e franceses.

É no plano metodológico, todavia, que Medaets deixa seu legado mais duradouro. Raramente se tem visto um pesquisador alcançar os espaços informais do mundo juvenil extraescolar da forma como ela fez ao longo de mais de um ano de pesquisa de campo. É justamente participando das aventuras dos jovens – muitas vezes longe do olhar dos pais – que ela começa a apreciar como as crianças aprendem apesar dos adultos. No universo altamente hierarquizado dessa região, crianças e jovens aprendem desde cedo que é importante agradar seus superiores – pedindo a bênção e se fazendo úteis. A partir das histórias sobre os espíritos da floresta (encantados, “engerados” e outras figuras assustadoras) e das experiências junto aos mais velhos, “se acostumam” que os poderosos não têm grande paciência com iniciantes. E, de fato, contrariando visões idealizadas de uma certa didática progressista, as pessoas mais experientes da região não mostram grande inclinação em ensinar seu ofício. Aqui não se encontram adultos – quer seja o construtor de barcos, o pescador ou a dona de casa – usando seu tempo para explicar as coisas devagar ou dando encorajamento ao aprendiz desajeitado. As crianças sabem que não vão adquirir novas habilidades por tentativa e erro sob a supervisão benévola de seus superiores. Ao invés disso, praticam uma aprendizagem furtiva pela qual adquirem conhecimentos por observação, olhando discretamente, “por cima do ombro” dos grandes. Depois, sozinhas ou entre pares, vão experimentando essas novas práticas – muitas vezes apesar da interdição colocada pelos pais. Só quando os jovens podem afirmar que “garantem” o exercício competente da prática ou atividade, os adultos vão admiti-los como parceiros. É precisamente porque a pesquisadora se desgrudou do ambiente institucional, da escola e, em parte, da companhia de seus pares adultos, que essa visão particular da agência infantil e da aprendizagem “apesar dos adultos” emerge com contornos nítidos.

Num texto fluido, que nos insere na intimidade não só das crianças e dos adultos da região, mas também dos processos reflexivos da própria autora, este volume honra o compromisso

básico do empreendimento etnográfico. Ele nos surpreende ao descrever pais que zelam pelo bem-estar dos filhos, mestres que transmitem seus saberes e crianças que aprendem, tornando-se competentes em novas atividades, por gestos e métodos que destoam dos encontrados nos manuais pedagógicos. Afinal, fiel à tradição etnográfica, esta obra sugere pistas para o diálogo entre pessoas diversas ao mesmo tempo que serve para flexibilizar nossas próprias noções preconcebidas sobre os caminhos “necessários” da aprendizagem.

Claudia Fonseca
PPGAS/UFRGS